

CONCEPÇÃO DE SAÚDE/DOENÇA DOS UNIVERSITÁRIOS DA UFPR

[Understanding Health Disease of the University Students - UFPR]

Autores: ¹ Ymiracy do Nascimento de Souza Polak*

Maria Helena Lenardi**

Ariane Gracioto***

Viviane Maysa Tomazoni***

Alexandra Costacurta***

RESUMO

O presente caracteriza-se como um estudo qualitativo, desenvolvido na casa de estudantes localizada na cidade de Curitiba, tendo como objetivo traçar um perfil dos universitários da UFPR, bem como conhecer qual a concepção de saúde-doença desta clientela. Para tanto, foram realizadas entrevistas com 32 universitários na faixa etária de 18 a 30 anos, sendo 93% destes do sexo feminino, prevalência justificada pelo local em que se realizou a pesquisa. Dentre os resultados obtidos, constatou-se que 97% dos entrevistados eram solteiros, 54% da religião católica e 31% exerciam atividades remuneradas sendo que a maioria, 72%, acusou renda abaixo de 6 salários mínimos. A análise dos dados permitiu verificar que os universitários possuem uma concepção de saúde e doença fragmentada, o que vai ao encontro da visão biologizada, o predominate em grande parte dos extratos sociais.

ABSTRACT- This research, developed at Casa de Estudantes (The Student's House), located in the city of Curitiba, is one of a qualitative type, whose main purpose is to outline the profile of students of Universidade Federal do Paraná (Federal University of Paraná), as well as to know their concept of illness and health. A total of 32 students aged from 18 to 30 years were interviewed, and the results showed that 93% were female.

Such figure may be justified by the place where the research was carried out. It was also found that 97% were single, 54% of Catholic faith, and 31% had salaried jobs, most of which were under 6 minimum salaries. The data analysis led to the conclusion that university students have a fragmented concept of illness and health, which confirms the biological view predominant in most social classes.

UNITERMOS: Concepção Saúde-doença;

Estudantes Universitários

KEY-WORDS: Illness and and health concept

University students.

¹ *Professora Livre Docente e Adjunto do Departamento de Enfermagem da UFPR. Coordenadora do Grupo de Estudos Multiprofissional em Saúde do Adulto - GEMSA.

** Professora do Departamento de Enfermagem da UFPR. Membro do GEMSA

*** Acadêmicas de Enfermagem da UFPR. Bolsistas de Iniciação Científica do GEMSA.

1. INTRODUÇÃO

A Universidade é considerada como um centro de estudo formador de conhecimento científico nas mais diversas áreas. É um centro de educação, cuja principal tarefa é o desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista a construção do conhecimento.

Seu principal dever é "*ensinar os estudantes a pensarem por si mesmos [...], pois o desenvolvimento da percepção e do senso crítico é condição necessária [...] para a invenção e a descoberta* (Kourganoff, 1990, p. 40). Está compromissada com o saber, servindo como pólo atrativo aos indivíduos oriundos das mais variadas regiões, que buscam novas informações. Porém, não só isto; serve também como direcionamento ao futuro dos estudantes na tentativa de suprimir suas angústias e dúvidas. Visto que, como revela Fávero et al (1989), pais e estudantes têm expectativas de conquistar carreiras lucrativas e ascensão social com o ingresso na Universidade.

O acesso a ela é um privilégio das classes favorecidas, pois são poucos os que participam do seu contexto.

A grande maioria tem como maior preocupação o sustento de si próprio ou família, e somente a freqüentam quando possuem um emprego garantido justificando, assim, a idéia de uma Universidade elitista.

No processo de aprendizado, cada universitário vê-se diante de discussões e conflitos de valores e ideologias. Nessa dinâmica, muitas das suas expectativas são correspondidas e outras transformam-se em frustrações e desgostos. Vale salientar que vivenciar este processo de ser universitário implica, ainda, a mudança de cenário. O que é facilmente constatado pela presença de universitários de várias procedências que buscam, no saber, a realização de um sonho. É este o estudante caracterizado nesta pesquisa, que nos leva a refletir sobre os vários papéis desempenhados por eles - o de estudante, trabalhador, de cidadão comprometido em maior ou menor grau com o processo de transformação da sua realidade e, por desdobraimento, do social.

O presente estudo é resultado de um dos projetos do GEMSA que teve por objetivo compreender a concepção de saúde e doença dos universitários da UFPR.

2. Metodologia

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo qualitativo de iluminação fenomenológica, desenvolvido na Casa da Estudante Universitária da UFPR.

Tendo em vista os objetivos do estudo, foram realizadas entrevistas junto a 32 universitários que desejaram espontaneamente participar do mesmo. Para tanto foi utilizado um instrumento composto de 3 partes.

A primeira, contendo dados de identificação e a segunda com questões abertas nas quais buscou-se conhecer a concepção de saúde mediante as questões: O que é saúde para você? O que é doença? Na terceira questão procurava-se conhecer o tipo de ajuda buscado por esta clientela quando adoecia.

As entrevistas foram realizadas no período de agosto/setembro de 1995, no horário das 18 às 23 horas. A escolha do horário atendeu a sugestão da clientela.

Deve ser registrado que, antes do desenvolvimento das entrevistas, foi

assegurado o anonimato das informações e salientado que a participação no estudo seria voluntária.

3. Análise e Discussão dos Discursos

Para análise e discussão dos discursos foram efetuadas várias reuniões e leituras dos instrumentos, pelo grupo.

4. Análise e Discussão dos Resultados

Foram entrevistados 32 universitários, e destes, 93% eram do sexo feminino, prevalência justificada pelo local em que se realizou-a pesquisa. A presença de 7% de estudantes masculinos deve-se ao fato de estes estarem no local e responderem ao instrumento, sendo então anexadas suas respostas para tabulação dos dados.

Questionados sobre o seu estado civil, 97%, informaram ser solteiros e 3% divorciados. Segundo pesquisa de Milléo (1975), o que se imagina é que após o casamento há menor possibilidade de se enfrentar a Universidade devido às novas responsabilidades.

No que concerne à religião, a maioria (54%), relatou ser católico.

O binômio estudo-trabalho incidiu em 31% dos universitários que informaram ser telefonistas, bancários, vendedores e professores, além de outras atividades, confirmando o que revela Pinto (1986, p. 88) "*muitos estudantes são desde agora trabalhadores; os que estudam com mais dificuldades, pois devem se manter graças a uma profissão marginal(...)*". A renda abaixo de 6 salários mínimos (72% dos estudantes) conforme informaram, também colabora na busca de emprego durante o curso universitário.

Quanto a hospitalização somente 1% relatou já ter sido hospitalizado.

No referente ao comportamento e ao tipo de auxílio buscado quando doente, 69% responderam que buscam a alopatia, 33% que procuram auxílio da farmácia, 21% optam pela automedicação, 12% fazem uso de homeopatia e 11% procuram o farmacêutico.

Observa-se que os universitários mantêm o comportamento terapêutico tradicional medicamentoso, e apenas uma pequena parcela (12%) busca terapêutica alternativa, representada pela homeopatia, chás e outros.

No que concerne a concepção de saúde observa-se uma tendência a ver saúde como "bem-estar físico, mental e psicológico"; "equilíbrio físico, social, mental e orgânico"; "estar livre dos problemas físicos, mentais e espirituais", revelando que suas concepções estão inseridas em um padrão acadêmico cujos termos são oriundos de definições divulgadas por estudos científicos ou entidades científicas, como é o caso da terminologia da Organização Mundial da Saúde (OMS), que a conceitua como "completo bem-estar físico, mental e social", o que foi citado inúmeras vezes. Isso revela uma concepção de homem fragmentado, visto em partes; também uma visão reducionista do homem, cujo corpo e mente são separados, um agindo sem o outro. Verifica-se que a saúde é valorizada apenas em alguns aspectos, o que implica em uma fragmentação e compartimentalização deste constructo. Observa-se que a concepção de

saúde como "equilíbrio, bem-estar", é entendida como perfeita harmonia, ou ausência de problemas, frente à dinâmica da vida cotidiana.

A maioria dos estudantes vêem saúde como "bom funcionamento social" e "relativo equilíbrio bio-psico-social e espiritual", mencionando as amplitudes psicológicas, espirituais e sociais que fazem parte da vida comum. Esta visão induz o pensar a necessidade da presença de otimismo, esperança no dia-a-dia, na manutenção da boa convivência com outras pessoas, da participação em atividades que proporcionam melhorias em suas vidas. Então as falas são baseadas no solidarismo e não no individualismo, imposto pelo exigente mercado de trabalho do qual estes farão ou fazem parte. Verificou-se ainda o emprego do termo *relativo* em várias "falas", já que saúde não pode ser algo preciso devido aos inúmeros fatores que a circundam, como foi exposto anteriormente. Perkens, citado por Leser (1988), auxilia neste entendimento ao considerar saúde como resultado do organismo humano em adequar-se às perturbações cotidianas.

Em algumas falas registrou-se a visão de saúde como "ser consciente e responsável pela vida", "manter alimentação e esporte" é "algo que devemos ter e preservar", salientando a necessidade da participação do homem no cuidado com sua saúde, algo precioso que deve ser preservado pelo seu próprio dono; então, ter ou não saúde é consequência da atuação do homem. Marcondes et al (1980) afirmam que saúde implica práticas saudáveis diárias como: higiene pessoal, prevenção de acidentes, trabalho, descanso e recreação equivalentes.

No referente à concepção de doença, os estudantes responderam, a princípio, que doença é "desequilíbrio físico", "mau funcionamento dos órgãos, do sistema imunológico, da capacidade humana", definindo-a também como alguma alteração quer orgânica quer física, que prejudica os processos que mantêm a vida e requer intervenção médica. Estes discursos evidenciam a visão tradicional de doença como corpo físico doente, revelando ser o homem uma máquina que deve estar sempre em ação, pois ele é força mecânica de trabalho. Essa percepção biológica é partilhada por Elhart, Firsich e Gragg (1983), ao dizerem que doença é resultante do desequilíbrio, desordem das células, líquidos celulares, ou mesmos alterações orgânicas estruturais e funcionais. Atkinson e Murray (1989) complementam conceituando doença como aquilo que possui diagnóstico. Contrário a este biologismo surge Vietta (1986), sugerindo que da interação homem meio tem os distúrbios resultantes do social, pois o homem é um ser social, um ser que necessita interagir com o outro para sobreviver. Este entendimento se faz presente na afirmação dos universitários que vêem doença como resultado de "Fatores que ameaçam o equilíbrio bio-psico-social, mental e espiritual" do homem.

A definição de doença como um "mal que se aloja no corpo causando dano", foi também vista e possibilita a concepção de doença como resultante de agentes invasores que prejudicam o homem e o seu viver social.

Verificou-se uma tendência nos universitários em definir doença com percepção sensorial desfavorável a manutenção das atividades regulares, o que pode ser constatado pelas seguintes declarações; doença é "mal-estar", "sensação má", "sensação desagradável" e "corpo doente". Canghilhem (1990), citando Leriche, considera doença como aquilo que provoca sofrimento no homem. Há, também uma tendência, uma

preocupação, de ver doença como dor, quer seja aquela percebida pelo organismo através do seu equipamento sensorial, quer seja percebida pela mente e pelos constituintes da complexa ligação do homem consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

5. Conclusão

Pôde-se observar que, para os estudantes universitários entrevistados, tanto a saúde quanto a doença são percebidas de forma fragmentada, utilizando muitas vezes definições pré- concebidas para descrevê-las.

A saúde foi relacionada com harmonia em determinadas dimensões consideradas fundamentais. No entanto, deve-se salientar a percepção de saúde como resultante da atuação e participação do homem no social. Sendo este o homem agente do meio, vivencia um intercâmbio com este, modificando-o e sendo por ele modificado. Quanto à doença, ela é basicamente percebida como sensação má, podendo ser tanto de ordem biológica quanto psicológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATKINSON, Leslei D.; MURRAY, Mary Ellen. **FUNDAMENTOS DE ENFERMAGEM**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- CANGHILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- ELHART, Dorothy; FIRSICH, Sharon; GRAGG, Shirlei H. et al. **Princípios científicos de enfermagem**. 8 ed. Lisboa: Livros Técnicos e Científicos, 1983.
- FÁVERO, M. L.; VIEIRA, S.L.; ROMANÒ, G. V. et al, **A universidade em questão**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1989.
- KOURGANOFF, Wladimir. **A face oculta da universidade**. São Paulo: UNESP, 1990.
- LESER, Walter et al. **Elementos da epidemiologia geral**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1988.
- MARCONDES, Ruth S.; CAVALCANTI, Maria Lúcia F.; DEL' REY, Denise Cesar et al. **Saúde na escola**. São Paulo: Ibrasa, 1980.
- MILLÉO, Galbas. **Uma análise dos estudantes universitários de Curitiba, a partir de aspectos de sua estratificação sócio- econômica**. Tese de Mestrado. São Paulo: 1975.
- PINTO, Álvaro V. **A questão da universidade**. São Paulo: Cortez e Autores Associados: 1986.
- VIETTA, Edna Paciência. Marco conceitual para a prática de enfermagem social para contribuição para base de uma teoria de enfermagem. **Rev. Paul. Enf**, São Paulo, v.6, n.4, p. 132-139, out/nov/dez. 1986.